

QUESTÕES DE GÊNERO EM “A PORTA E O VENTO”, DE JOSÉ BEZERRA GOMES: A INÚTIL TENTATIVA DE FUGA AO CASAMENTO NA SOCIEDADE NORDESTINA DOS ANOS 30

Davidson Eduardo Alves dos Santos (UFRN)

Hélio Dias Furtado (UFRN)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal realizar um estudo de gênero com foco no personagem Santos do romance *A Porta e o Vento* (1974), do escritor currais-novense José Bezerra Gomes. Metodologicamente, fez-se pesquisa bibliográfica sobre a temática estudada, especialmente de três textos teóricos distintos que juntos ajudam na definição dos valores morais e sociais que regem a vida “cabra macho nordestino”, e cujos autores são Bento (2012), Gikovate (1989) e Albuquerque Júnior (2003). Dessa forma, concluiu-se que no romance estudado o casamento é entendido como um rito de passagem para ser homem por completo, e mesmo que Santos lute contra isso, para sua infelicidade, mais dia menos dia, os ventos gerados pelo brado do “cabra macho” não irão parar de bater na porta de sua casa e adentrarão sua vida. Nesse caso, a porta caracteriza-se como a tentativa de Santos de se proteger daquilo que, quando vem como o vento, atinge a todos e invade os recantos, e nem mesmo a porta fechada consegue detê-lo. No caso específico, são as cobranças e valores dos quais Santos não consegue se defender, nem fugir.

Palavras-chave: Gênero; Personagem masculino; Masculinidade hegemônica; Romance de 30. Estudo de gênero.

ABSTRACT: This study aims to conduct a gender study keeping its main focus on the character Santos in the novel “A Porta e o Vento” (1974) by José Bezerra Gomes who was born in Currais Novos. Methodologically, it was conducted a bibliographic research on this theme, using basically three theoretical texts that together help in the definition of the moral e social values that rule the life of the “cabra macho nordestino” and whose authors are BENTO (2012), GIKOVATE (1989) and ALBUQUERQUE JÚNIOR. (2003). Thus, it was concluded that in the novel analyzed, marriage is viewed as a rite of passage for a man to become complete, and although Santos may fight against it, for his unhappiness, sooner or later, the winds generated by the demands of the "cabra macho" will not stop knocking on the door of his house and will break into his life. In this case, the door is characterized as Santos’s attempt to protect himself from what, whenever coming like the wind, affects everyone and invades every corner and even the closed door cannot stop it. In this specific case, it is these charges and these values that Santos cannot fight against or flee from.

Keywords: Gender; Male character; Hegemonic masculinity; Romance of 30. Gender study.

1. Introdução

O propósito deste trabalho é realizar um estudo de gênero, mantendo o enfoque principal no personagem Santos, do romance *A Porta e o Vento* (1974), do escritor currais-novense José Bezerra Gomes (1911-1982). Ainda que publicado algumas décadas depois, o

livro em questão retrata uma estória que se passa no interior potiguar dos anos 30, mais especificamente na cidade de Currais Novos. Dividido em dezessete capítulos, essa obra é um excelente objeto de estudo para a pesquisa de temas relacionados às questões de gênero, pois embora não foque a atenção na descrição física e psicológica dos seus personagens, ele aborda constantemente e de forma transparente os costumes e a moral daquela época. Dessa forma, ele expõe um conflito de gênero vivido pelo personagem Santos, o qual será investigado ao longo desse trabalho.

Além do próprio drama de Santos, há, em todo livro, um valioso material digno de ser analisado sob a ótica do gênero. Exemplo disso é a divisão de papéis sociais em gênero já na infância dos personagens: em uma passagem da obra, uma menina, parente de Santos, vai brincar com os primos e acaba se espinhando. A mãe da garota, então, a repreende no ato e lhe adverte: “Bem-feito. Não lhe preveni que não fosse brincar com os meninos? Está aí o que queria... Uma estrepada.” (GOMES, 1998, p. 265). O feito da menina de transgredir as regras impostas ao seu gênero é merecedor de uma punição: a espinhada. As regras a serem seguidas transpassam as meras relações sociais e chegam até a divisão de lugares. Certa vez, quando um dos tios do narrador chega à cozinha procurando por café, sua mãe lhe acautela: “– Lugar de homem é no alpendre... Cozinha foi feita para mulher...” (GOMES, 1998, p. 266).

Para conduzir uma análise dessas questões de gênero no romance de José Bezerra Gomes, usaremos um alicerce teórico construído através da junção de três textos que, em consonância, nos ajudam a traçar o perfil social e cognitivo do “cabra macho nordestino”. O primeiro desses textos é o capítulo intitulado “Masculinidade hegemônica e outras masculinidades”, do livro *Homem não tece a dor - queixas e perplexidades masculinas* (2012). Nesse texto, a autora Berenice Bento disserta sobre a ideia da “masculinidade hegemônica”. Em seguida, é comentado o capítulo “O homem ama, se casa e é pai. Com frequência se divorcia”, do livro *Homem: O sexo frágil?* (1989), no qual a teoria dos egoístas e gentis, do psicólogo Flávio Gikovate, deixa evidenciada a ligação dos primeiros com os membros da “masculinidade hegemônica”. Para finalizar o subsídio teórico, utilizamos o capítulo “Nordestino: uma invenção do falo”, do livro *Nordestino: Uma invenção do falo (uma história do gênero masculino - Nordeste 1920/1940)* (2003), em que o historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior comenta sobre as características do nordestino enquanto um verdadeiro cabra-macho.

Com a elaboração dessa abordagem teórica, será possível delinear uma visão de questões como: 1) A definição dos valores sociais impostos aos homens na sociedade nordestina dos anos 30; 2) A definição da importância do casamento na sociedade dessa época; e

finalmente, 3) As possíveis consequências para alguém, principalmente os homens, que não se adequasse a esse sistema de valores.

2. O casamento e o homem na sociedade nordestina dos anos 30

Em seu livro *Homem não tece a dor - queixas e perplexidades masculinas*, Berenice Bento (2012) discorre sobre as questões de gênero, mais especificamente sobre questões da masculinidade. Mantendo esse enfoque, a autora aborda algumas relações do masculino com os outros gêneros e as diferenças de masculinidade entre os grupos sociais, as quais são imprescindíveis para uma compreensão mais abrangente desse tema. Bento (2012, p. 83) aponta que, para Robert W. Connell, a masculinidade é “uma configuração de práticas”, ou seja, é o modo como os indivíduos pretendentes a homem devem agir, falar, comportar-se, etc., perante a sociedade. No intuito de melhor definir a masculinidade, Bento (2012, p. 83) toma como base a perspectiva de Joan Scott, que atenta para a capacidade de mudança da masculinidade levando em consideração diferentes períodos históricos, bem como os elos constituídos entre os gêneros.

Segundo a autora, muito embora a masculinidade seja “a forma como o gênero masculino configura suas práticas” (BENTO, 2012, p. 83), ela não é universal, como também, em muitos casos, pode ser subdividida em diferentes práticas. A masculinidade hegemônica é o principal desses tipos, pois, como o próprio nome denuncia, desempenha um papel de domínio sobre os demais tipos de masculinidade. Isso ocorre devido ao fato de que essa masculinidade fundamenta suas práticas em uma ideologia que busca a justificativa para as práticas dos homens através de “construções cognoscíveis e discursivas” (BENTO, 2012, p. 90).

Ainda segundo Bento (2012), o modo como a masculinidade hegemônica estabelece sua ideologia na nossa sociedade é através de padrões comportamentais que os homens precisam seguir, baseando-se em relações desiguais entre os gêneros. Muito embora essa masculinidade subordine a mulher, por meio da desvalorização do feminino, ela também constitui seu domínio sobre os demais homens vistos como reais opositores. Outro ponto essencial para a compreensão da masculinidade hegemônica é o fato de esta estar entranhada nas muitas esferas sociais: política; esportes; mercado de trabalho; etc. Ou seja, o homem que assume os traços da masculinidade hegemônica está sempre lutando pela sua hegemonia nos seus diferentes aspectos da vida social e profissional.

Bento (2012) ainda afirma que a masculinidade hegemônica exige que seus aspirantes sejam aprovados pelos demais “homens”. Assim, o simples fato de possuir um falo não faz do indivíduo um membro da masculinidade hegemônica. Para ser considerado um verdadeiro “homem”, ela terá que assumir os tradicionais valores atribuídos ao masculino: ser agressivo,

destemido, detentor de poder e demonstrar uma virilidade exacerbada. Ainda assim, sua masculinidade terá que ser constantemente (re)validada pelos outros homens.

Outras considerações pertinentes a essa questão são feitas por Flávio Gikovate (1989), que inicia seu raciocínio citando uma ideia tratada em *O Banquete*, de Platão. Tentando definir o que é o amor, Aristófanes cita o mito dos Andróginos: seres compostos por duas cabeças, dois troncos, quatro pernas e quatro braços. Esses seres eram muito confiantes e destemidos, e chegaram a desafiar os deuses. No intuito de deixá-los fracos, Zeus os dividiu em duas metades, sendo cada metade um ser humano. Desde então, cada metade procura a outra para formar o uno e serem fortes novamente. Ainda no livro de Platão, é feita mais uma consideração sobre o amor: Sócrates afirma que o amor decorre da admiração. Assim, é correto afirmar que as escolhas amorosas não acontecem despropositadamente. Desse modo, o ser humano precisa de alguém e essa escolha não é feita de qualquer forma.

Para Gikovate (1989), o casamento está ligado à ideia da conservação de bens materiais e de benefícios que lhe sejam resultantes, ao passo que o amor sugere a existência de um sentimento frutífero que possibilita a união entre duas vidas, de maneira que uma parte passa a ser um suporte, um amparo para a outra. Em suma, a diferença entre um e outro está no fato de que, enquanto o primeiro possui um sentido mais voltado para a objetividade, o segundo possui uma característica mais subjetiva.

Isso explica um pouco o porquê de antigamente a vida de solteiro dos rapazes ser considerada mais atrativa, tendo em vista que o amor que se almejava não requeria necessariamente uma relação matrimonial, pois podia muitas vezes ser conseguido através de encontros com moças solteiras da sociedade, mesmo aquelas que vinham de boa família. Além disso, os seus desejos sexuais podiam ser satisfeitos com as chamadas prostitutas, sem que fosse necessário ter uma esposa para tal. Ser solteiro, portanto, significava liberdade, independência e autonomia. Casar, ao contrário, significava a perda disso, tendo em vista que a partir do momento em que o homem solteiro, livre, casava-se com uma moça, que mesmo solteira possuía uma vida mais regrada, ele era levado para uma vida de privações, que o distanciava cada vez mais da liberdade sempre desejada. Desse modo, o casamento era uma vontade mais das moças e, conseqüentemente, de suas famílias, do que dos rapazes.

Ainda assim, a consideração mais relevante de Gikovate (1989) é quando o autor tece comentários sobre os tipos possíveis de homens que, de acordo com ele, se dividem em duas categorias: os egoístas e os generosos. Os primeiros são assim por não terem a capacidade de suportar o sofrimento e, conseqüentemente, não suportam as dores de se colocar no lugar dos outros e logo param de realizar esse processo, sendo, portanto, pessoas egocêntricas. Algumas

características desse tipo de homem são: a agressividade, que acontece devido ao fato de não suportarem as dores de serem contrariados; o hábito de exibir suas conquistas, principalmente as amorosas; e a demonstração de uma grande libido (o sexo nesse tipo é ligado à raiva e, assim, quando o homem sente inveja das mulheres por atraírem atenção, ele sente mais desejo sexual). O segundo tipo é o inverso do primeiro. É muito menos agressivo, pois consegue se colocar no lugar dos outros. Tem um grande sentimento de culpa e inferioridade e, em relação à virilidade, é tímido e inseguro, uma vez que se sente menos desejado e deseja mais. Nesse ponto, já é possível ver as semelhanças entre a masculinidade hegemônica e os egocêntricos.

Dando continuidade, mais uma perspectiva deve ser abordada, calcada nos estudos de gênero: Albuquerque Júnior (2003) apresenta uma visão histórica do nordestino desde o período do seu surgimento, salientando os traços que lhe caracterizam. Segundo o autor, essa figura surge no século XX, mais especificamente nos anos 20, no discurso das elites regionais. Entretanto, apenas passadas algumas décadas é que o nordestino seria considerado um elemento que define a identidade de toda a população do Nordeste brasileiro (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 231).

Albuquerque Júnior (2003) sugere que é válido observar como a utilização das figuras de gênero se adequa para falar do surgimento do nordestino, visto que esse tipo aparece decorrente de uma necessidade de vencer as várias crises que aconteciam no Nordeste e que o estavam tornando uma região passiva, feminina. Nesse contexto, o nordestino surge como alguém capaz de alterar esse quadro, utilizando-se para isso de sua força e virilidade. O típico nordestino, então, é aquele que esbanja virilidade e masculinidade. Ele é definitivamente um macho que ao menor sinal de perigo transforma-se em uma figura heroica.

Mesmo podendo aparecer com um tanto de características diferentes em algumas descrições, há certos atributos que, de acordo com Albuquerque Júnior (2003), sempre serão achados no nordestino e entre esses estão: ser tipicamente rural e ser verdadeiramente um representante da sociedade dita patriarcal. Unindo essa visão do autor aos conceitos apresentados anteriormente, podemos dizer que o nordestino é um tipo cujas características apontam para uma “masculinidade necessariamente hegemônica” (BENTO, 2012), bem como estaria do lado da balança que declina mais para o lado “egocêntrico” (GIKOVATE, 1989).

3. Santos e Laura: a fuga e a busca do casamento

Iremos agora nos concentrar no principal objetivo do nosso trabalho que é uma análise da perspectiva de gênero do romance *A Porta e o Vento* (1974), mais especificamente do personagem Santos, pois é nele que podemos observar uma resistência aos valores sociais

impostos pela “masculinidade hegemônica” (BENTO, 2012), ou simplesmente aos valores tradicionais do ser homem nordestino.

A narração em terceira pessoa começa com uma descrição de uma das corriqueiras manhãs na fazenda em que o personagem vive com sua família. A família de Santos segue à risca as leis do modelo patriarcal, assim como a maioria das famílias da região nesse tempo. A fazenda Bom Retiro é propriedade do avô do narrador e é composta pela casa-grande, uma capela e várias outras casas em que moram os empregados. Os moradores da casa grande são: Avô Alexandrino, chamado de Major por todos; Avó Fausta; Tia Ângela; Tio Terto; Santos; Laura; e mais alguns que aparecem na narrativa com menos frequência. Corriqueiramente, alguns empregados estão na casa desempenhando suas funções e os mais presentes são: Xico Alugado e Maria Pequena.

Logo no início do livro já é possível notar elementos da “masculinidade hegemônica” que estão enraizados nos costumes daquela sociedade e que geram conflitos com o personagem Santos. Sem dúvida, o casamento é o principal deles. Não são raras as cobranças feitas por sua família para que ele se case. Vez ou outra surge uma frase do tipo: “– Precisa é se casar, Santos. Moça é o que não falta no mundo...” (GOMES, 1998, p. 258), no entanto, Santos se mantém impassível e indiferente a essas cobranças.

Diferentemente de Santos, a prima Laura enxerga o casamento de forma mais agradável, não procura fugir dele e enxerga em Santos seu possível parceiro para construir essa sociedade civil. Isso nos remete para a afirmação de Gikovate (1989) de que o casamento é muito mais interessante para as mulheres do que para os homens, pois só assim ela iria conseguir mais liberdade. No que diz respeito ao amor, à primeira vista parece que realmente há algum sentimento entre os dois. No romance, o narrador afirma que enquanto Santos estava na sala pensando em Laura, ela estava na cama pensando nele.

Outro momento que também pode ser usado como exemplo para demonstrar certa afeição entre os dois é quando Laura começa a cantarolar no quarto, como que numa indireta para o primo que a ouve na rede da sala: “Desde a hora em que te vi,/ Perdida por te fiquei.../ Se de te não for válida,/ Não sei como viverei” (GOMES, 1998, p. 263). Ao escutar esse apelo de Laura, mais uma vez a resistência ao casamento transparece, pois “Santos escutava com alma dilacerada a voz-mulher da prima. Vinha-lhe o desejo de ganhar o mundo.” (GOMES, 1998, p. 263). Esse “desejo de ganhar o mundo” deve ser entendido como a vontade de Santos de fugir do mundo que lhe está lhe exigindo obrigações e, não, uma aversão a sua prima.

Ainda assim, a prima continua com as tentativas para desenvolver uma relação mais séria com Santos. Dessas, a que chama mais atenção do leitor é a que acontece após ele ter uma

crise de tosse. Brincando com seu primo, Laura finge que também está com o mal do primo, colocando a mão de Santos em seu seio para que ele ateste a afirmação. Como é de se esperar, o personagem fica retraído ao ponto de perder momentaneamente a voz (GOMES, 1998, p. 263-264). É interessante observar que, como Santos não estava fazendo a sua “obrigação” de cortejar a prima, ela toma a iniciativa, o que não era típico daquele período. Esperava-se que as mulheres fossem recatadas e aguardassem os homens tomarem a iniciativa em um relacionamento.

Enquanto os dois pretendentes ficam nesse impasse, os dias na fazenda se passam rotineiros, sempre com a fatura cercando os moradores. Na mesa, as dádivas vindas dos roçados, os queijos de manteiga e a carne-de-sol das vacas que pastam em rebanho pelos vastos campos. Há também fatura para os olhos, proporcionada pela linda vista dos campos alvos de algodão e do açude cheio de marrecas, galinhas d’água e paturis.

Apesar dessa predominância de paisagens rurais na narrativa, em alguns momentos a estória se passa em ambientes urbanos. Isso ocorre, principalmente, com Santos e Laura, uma vez que ela estuda na cidade. Nos dias em que ela tem aula, os primos e Maria Pequena ficam na casa da cidade. Quando está lá, Santos, geralmente, faz passeios pelas praças e é em um desses passeios que se constata outro argumento que reafirma a “obrigação” que o “homem de verdade” tem de se casar. Certa vez caminhando, ele se depara com um homem que o cumprimenta. Após Santos perceber que o desconhecido é na verdade seu primo Edmundo, os dois iniciam um breve diálogo, tendo como tema principal o casamento. Observando a conversa entre os dois, percebe-se que o casamento é visto como motivo para se vangloriar (GOMES, 1998, p. 277), reforçando-se assim a noção de que essa era uma das obrigações de um verdadeiro homem.

Com o decorrer da narrativa os sentimentos entre Santos e sua prima transparecem cada vez mais ao leitor: “Quando Laura se ausentava, voltando para a casa dos pais durante as férias escolares, Santos se afundava na solidão que lhe envolvia a alma [...]” (GOMES, 1998, p. 293). Sua prima também deixa evidente os sinais de saudade: “Laura atravessava os dias, passados com seus pais na fazenda, pensando na rua. Vinha para o alpendre da casa-grande e olhava para o horizonte prolongado pelo pátio [...]” (GOMES, 1998, p. 293). Mesmo sentindo saudades de Laura, Santos não se determina a fazer o que é necessário para tê-la sempre ao seu lado, ou seja, pedi-la em casamento, o que ela tanto deseja.

4. As “falhas” na masculinidade de Santos

Tratando-se de “masculinidade hegemônica”, é interessante observar como Santos é apresentado, na primeira vez em que ele é mencionado pelo narrador: “Santos afagava a menina.

Calçava-lhe os chinelos. A menina brincava nos braços de Santos” (GOMES, 1998, p. 256). Essa é uma conduta bem diferente da dos outros homens que aparecem, que estão sempre trabalhando. Assim, é evidente que o narrador está querendo mostrar como Santos, logo na primeira impressão, está distante dos demais homens que o cercam em termos de comportamento.

Embora *A porta e o Vento* (1974) não seja um romance de estrutura tradicional, no sentido de ter um protagonista e um enredo nitidamente desenvolvidos, dentro de uma abordagem de gênero, o avô do narrador pode ser considerado a figura patriarcal, ocupando a posição que os outros homens gostariam de ocupar. Após a sua morte, tudo se deteriora na fazenda dele. No contexto social do romance, ele seria o melhor exemplo da “masculinidade hegemônica”, pois ele representa o ideal a ser seguido pelos homens que deveriam, pelo menos, tentar imitá-lo, algo que Santos não faz.

Também é importante discutir as consequências da inadaptabilidade de Santos aos valores de sua comunidade. Por exemplo, podemos observar que ele é uma pessoa totalmente apática e indiferente ao rumo que sua vida vai levando: “Santos se levantava com o sol alto. Lavava a boca e banhava o rosto. [...] Nos seus passeios, pela rua, não tinha rumo. Passava por um conhecido tão distraído como se andasse dormindo [...]” (GOMES, 1998, p. 277). Ele não tem objetivos, determinação, planos para o futuro. Nem mesmo parece ter um emprego. Vale lembrar que essas também são características exigidas da “masculinidade hegemônica” e da virilidade, de um modo geral.

A personagem tia Florinda verbaliza e personifica o que a comunidade está cobrando de Santos em relação ao casamento. Quando Santos e Laura fazem uma visita a Tia Florinda, ela pergunta a ambos se já arrumaram alguém para casar (GOMES, 1998, p. 284). Na volta para a casa, da visita à Tia Florinda, o narrador comenta: “Santos entrava feito um detento.” (GOMES, 1998, p. 284). Aparentemente, Santos se sentia preso pelas cobranças e não havia como fugir, por isso sentia-se como um detento.

No que diz respeito ao relacionamento entre Santos e Laura, é óbvio para o leitor e para os demais personagens do romance, que ela espera que o primo a peça em casamento. No entanto, apesar de gostar da companhia de Laura, Santos não a vê como uma namorada e futura esposa: “Protegia-se na companhia da Laura como se fosse de uma irmã...” (GOMES, 1998, p. 285). Numa situação “normal”, o homem é quem deveria ser o protetor. Mas, na relação dos dois, ele era o protegido.

De qualquer forma, fica a pergunta: de que ele se sentia protegido na companhia de Laura? Na verdade, podemos perceber que Santos usa a companhia de Laura para amenizar as

cobranças feitas por todos, já que ela ficava constantemente com ele. A sociedade já os via como noivos, embora isso não tenha sido oficializado. Entretanto, Santos a trata como uma irmã para evitar a concretização do noivado e também para inibir os “cortejos” de Laura

Ao final do enredo é que as conclusões sobre a resistência de Santos ao casamento podem ser feitas. Há um momento em que, repentinamente, Laura e Santos se abraçam e ele fica sem reação. Em seguida, ela o beija. Os dois iniciam um breve diálogo e ambos confessam o amor um pelo outro. A solução encontrada por Santos para saciar o grande amor que sua prima lhe tem é ir até uma casa pobre, onde conhece uma mulher que lhe dá “a paz trazida pelo amor” (GOMES, 1998, p. 300).

5. Conclusão: A porta que não segura o vento

Na penúltima aparição de Santos no enredo, entretanto, o casamento já estava aparentemente definido por Laura e seus pais e, à revelia de sua vontade, eles estavam noivos e iriam se casar. O pai de Laura disse a seguinte frase quando conversava com Santos: “– Melhor, Santos? Quero vê-lo renovado [...] Pronto para pedir moça.” (GOMES, 1998, p. 301).

A conclusão a que se chega sobre a repulsa de Santos ao casamento é que ele não quer perder os seus passeios, nem mesmo a sua liberdade de viver sem preocupações em “gerir” uma família. Ao contrário do Major Alexandrino e de Terto, ele não se mostrava tão disposto para tomar conta da fazenda.

Não demora muito para que Santos sinta as consequências por ser tão insistente na fuga ao casamento. O último capítulo do livro é o relato de um sonho seu, cuja intenção do narrador é mostrar o estado mental de Santos que, ao que parece, está perdendo a lucidez e a razão. Inicialmente, foi imputada ao personagem uma insanidade que ele alega não ser verídica. Não demora e as perguntas sobre casamento aparecem. Na sequência, ele se vê em um caixão, jazendo como um morto e é salvo por Laura. Também nesse capítulo há uma cena em que ele pega um menino nos braços e diz que é seu e, posteriormente, ele “adota” um bezerro. Isso representa o sentimento de falha de Santos, pois ele falhou em ser pai e ocupar uma posição patriarcal.

Finalmente, o personagem fica imerso em uma procissão, que ele tenta inutilmente seguir em sentido oposto, mas acaba seguindo com a procissão. Simbolicamente, a tentativa de Santos, no sonho, de ir em sentido contrário à procissão é exatamente a sua tentativa de não se acomodar aos valores morais que lhe são impostos pela sociedade. No entanto, o narrador diz

que ele era levado. Vale lembrar que em uma procissão todos vão em uma mesma direção, indicando que todos compartilham dos mesmos valores. (GOMES, 1998).

De acordo com os valores sociais dessa região, não é possível uma fuga dos papéis de homem sem uma severa penalidade que, tratando-se de Santos, é a loucura. Embora ele tenha encontrado a solução para aliviar o amor que sente por Laura, não resiste à crescente cobrança da sociedade para casar-se. Essa insistente cobrança significa que o “prazo” para que ele torne-se um “cabra macho nordestino” estava expirando, e o casamento é entendido como um rito de passagem para ser homem por completo.

Ainda que Santos lutasse, para sua infelicidade, os ventos gerados pelo brado do “cabra macho nordestino” adentram na sua vida. Nesse caso, a interpretação para o título do livro é que a porta caracteriza-se como a tentativa de Santos de se proteger daquilo que, quando vem como o vento, atinge a todos e invade os recantos e nem mesmo a porta fechada consegue detê-lo. No caso específico, são as cobranças e os valores dos quais Santos não consegue se defender, nem fugir.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Nordeste: Uma invenção do falo - Uma história do gênero masculino (Nordeste - 1920/1940)*. Maceió/AL: Edições Catavento, 2003.

BENTO, B. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal/ RN: EDUFRN, 2012.

GIKOVATE, F. *Homem: O Sexo Frágil?* São Paulo: MG Editores Associados, 1989.

GOMES, José Bezerra. *Obras Reunidas - romances: Os Brutos, Por que não se casa, Doutor? A Porta e o Vento*. Natal/RN: EDUFRN, 1998.

Artigo submetido para avaliação em 16/02/2017; publicado em 04/07/2017.